

SCHWARTSMANN, Leonor Baptista. *Médicos italianos no Sul do Brasil* (1892-1938). Porto Alegre: Edipucrs, 2017, 388p.

Luiza Horn Iotti*

Leonor Schwartsmann é conhecida por suas contribuições à história da medicina no Rio Grande do Sul, a partir do estudo da presença e da contribuição de médicos italianos. Fez mestrado e doutorado na PUCRS, sob orientação da Profa. Núncia Santoro de Constantino, o que *per se* já garante a qualidade do trabalho, pela excelência do acompanhamento prestado pela saudosa mestra aos seus orientandos. Há alguns anos, Leonor deixou de exercer a medicina e passou a dedicar-se a pesquisar sua história juntamente com a da imigração, em especial a italiana. Esse não é o primeiro livro da autora, pois consta em seu currículo a publicação, entre outros, do livro *Olhares do médico-viajante Giovanni Palombini no Rio Grande do Sul* e a organização da obra *História da medicina: instituições e práticas de saúde no Rio Grande do Sul*.

O presente trabalho é resultado da sua tese de doutorado. Visa a preencher uma lacuna na historiografia rio-grandense, ao analisar a integração dos médicos italianos na sociedade gaúcha e o papel que eles desempenharam, no desenvolvimento da medicina no Rio Grande do Sul, no período de sua consolidação, ou seja, de 1892 a 1938. Essas datas foram selecionadas, na medida em que representam marcos significativos para o exercício da medicina por estrangeiros: o inicial, quando ocorreu a primeira tentativa conhecida de multa de um médico estrangeiro por exercício ilegal da profissão no Rio Grande do Sul; e o segundo, quando um grupo de médicos europeus impetrou mandado de segurança perante o Tribunal de Apelação do Estado, que lhes permitiu continuar a exercer a medicina neste estado.

* Mestre e Doutora em História pela PUCRS. Professora no curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade de Caxias do Sul. *E-mail*: lhiotti@ucs.br

Para concretizar a pesquisa, a autora trabalhou com um *corpus* documental rico e variado, que vai desde relatos de viagem até textos autobiográficos, passando por relatórios oficiais, estatísticas médicas, documentos de processos judiciais, missivas, diplomas, álbuns comemorativos, fotografias, notas e propagandas de jornais, correspondências, entrevistas orais e depoimentos feitos perante juízo. Esse amplo leque de fontes exigiu o emprego de uma metodologia específica para sua análise. Leonor optou pela análise textual discursiva do material constante nos textos escritos pelos médicos da qual soube tirar proveito. Utilizou ainda história oral, entrevistando familiares, pacientes e pessoas que tiveram contato com médicos italianos. Realizou uma revisão bibliográfica de fôlego. Há destaque para o emprego da legislação e dos processos judiciais, que determinaram os marcos cronológicos do trabalho, na medida em que influenciam no exercício da medicina por estrangeiros.

A partir dessas fontes, Leonor calcula que, em torno de 200 médicos diplomados na Itália exerceram a medicina no Rio Grande do Sul. Sendo que, cerca de 10% dos médicos que atuaram em Porto Alegre, nas duas primeiras décadas do século passado, vieram da Itália e também marcaram presença, especialmente em algumas cidades da Serra gaúcha (Caxias do Sul, Antônio Prado, Farroupilha e Bento Gonçalves).

Inicialmente, Leonor contextualiza a situação da profissão médica na Itália, chamando a atenção para um personagem conhecido como *medico condotto*, que estará na base desta história. Começa aí o convite para uma leitura envolvente, sob um novo enfoque da imigração para o Brasil e da história da medicina, que conta com outros personagens como: Sparvoli, Finnotti, Campelli, Carbone, Palombini e Bellinzaghi. Acrescente-se a isso uma linha do tempo que passa pela consolidação da profissão médica no estado, na década de 1930, a participação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e seu reconhecimento como local de revalidação de diplomas. Segundo a autora, “os médicos italianos desempenharam um papel inovador que ajudaram a modificar a Medicina deste Estado, a qual passava por um momento de reconhecimento e de consolidação de seu campo”. Além disso, foram responsáveis pela construção de hospitais, casas de saúde, maternidades e enfermarias. Leonor constatou ainda que eles introduziram especialidades, como a oftalmologia. Destacaram-se no campo cirúrgico, na obstetrícia e na radiologia, bem como no tratamento de tuberculose e sífilis. Atuaram como representantes de seu grupo étnico, em várias oportunidades.

Cabe ressaltar que Leonor integra o grupo de historiadores que vem, aos poucos, abandonando o discurso que a professora Núncia Santoro de Constantino classificava como *miserabilista*, por estar ligado a uma historiografia diletante ou comprometida ideologicamente. Leonor traz à tona outro perfil de imigrante e outra visão da imigração, que foge do senso comum, ou seja, aquele no qual todos os que emigravam eram pobres, analfabetos e estavam em busca do *paese della cuccagna*. Leonor coloca como personagem principal homens letrados, que emigraram por diversas razões. A partir do estudo em questão, é possível afirmar que a imigração para o Brasil foi constituída também por “trabalhadores altamente qualificados. Indivíduos possuidores de talentos especiais que influenciam na circulação de ideias e conhecimentos e ocasionam repercussões diretas no país de acolhimento”. A autora apresenta como isso ocorreu com os médicos italianos, que cooperaram no desenvolvimento da Medicina e na criação dos serviços de saúde do Rio Grande do Sul, nas décadas iniciais do século passado. Levanta também a questão da regulamentação e da revalidação da profissão. Será que os médicos italianos se depararam com os mesmos problemas, com os quais os profissionais estrangeiros se deparam hoje? Como se tratava a revalidação dos diplomas dos médicos italianos? Semelhante à dos dias atuais? Temática pertinente no atual momento político pelo qual o País atravessa.

